

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 3

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2020

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 3

Tallys Newton Fernandes de Matos
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Maria Alice Pinheiro

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	<p>A psicologia em suas diversas áreas de atuação 3 [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-118-3 DOI 10.22533/at.ed.183201706</p> <p>1. Psicologia. 2. Psicólogos. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Vivenciamos atualmente um período de fragilidade e deterioração biopsicossocial frente a um cenário de crise e pandemia, bem como o desgaste nos aspectos econômicos e políticos, que também alavancam outras características e segmentos da sociedade. As ciências, nesse aspecto, trabalham constantemente, através de suas diferentes áreas, para suprir demandas sociais em diferentes contextos, possibilitando, assim, intervenções adversas.

A busca incessante pela compreensão e identificação dos fenômenos que estão em processo de transformação e composição da realidade, coloca--nos em um paradigma filosófico e existencial sobre a verdade. Esta verdade, já questionada no passado pelos filósofos antigos, possibilita a construção do conhecimento e estrutura modelos de investigação posteriores, através de mecanismos de aprendizagem e ensino.

A psicologia, nesse contexto, ganha destaque por trabalhar uma diversidade de cenários em situações de fragilidade referentes ao desenvolvimento humano e a saúde mental, por intermédio de suas diferentes técnicas e instrumentos de atuação. Nessa perspectiva, a obra “A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 3” aborda questões inerentes a infância, escola, terceira idade, contexto social, avaliação, transtornos, diagnóstico, intervenção, questionamentos ideológicos, saúde, literatura, inovação tecnológica e novas técnicas psicoterápicas.

A infância, neste aspecto, ganhou destaque por ser um período que estrutura a personalidade do sujeito através do desenvolvimento psicogenético, que vai do nascimento até a adolescência, período no qual o indivíduo está submetido à inserção na sociedade. É na infância que ocorrem o incremento das experiências, transmissão social e equilibração através do uso de códigos no universo das imagens e palavras guiadas pelos caminhos que preexistem no universo parental.

Por conseguinte, a escola ganha destaque por promover a universalização e bens culturais, criando condições para a aprendizagem e para o desenvolvimento humano de todos na sociedade através da educação e conhecimento.

Em associação com os dados anteriores está o desenvolvimento da adolescência e vida adulta, e, posteriormente, a terceira idade, que é um dado apresentado nesta obra. A terceira idade é a própria idade adulta avançada, período marcado pelas transformações biopsicossociais, complicações e influências que se dão de modo complexo. Torna-se necessário, então, desenvolver recursos para o bem estar e qualidade de vida, a fim de reduzir receios e inquietações, na busca por uma vida saudável.

Neste cenário, é importante um trabalho conjunto na construção de políticas públicas direcionadas a pluralidade cultural envolvendo atores sociais e culturais

com identificação étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual, de deficiências, dentre outros, para a centralidade de valores éticos na formação do sujeito.

Seguindo os eixos temáticos expostos na ordem cronológica da obra, temos os modelos de avaliação, diagnóstico e intervenção em psicopatologias e transtornos mentais. Destaca-se que, segundo a Organização Mundial de Saúde, há um aumento das doenças mentais no século XXI decorrente das novas demandas sociais e a realidade vivenciada hoje frente ao cenário atual, já mencionado anteriormente. A importância desse seguimento se dá pela saúde mental, pela qualidade de vida do sujeito em sua diversidade e ao seu contexto.

Destaca-se, também, a importância dos debates e dos questionamentos ideológicos como elemento fundamentador da democracia, como tratado nesta obra. Tais artefatos possibilitam a ressignificação de ideias na construção de um novo cenário de conhecimento e aprendizagem. Vale ressaltar que estes debates podem estar atrelados há um referencial teórico significativo, como, por exemplo, uma análise literária, também explorada no final da obra, esta que, além disso, propõe, ao seu final, novas técnicas e alternativas psicoterápicas, bem como inovação tecnológica em benefício da saúde e bem estar.

Vale ressaltar que, através do discurso anterior, a obra “A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 3”, aborda os seguintes seguimentos: desenvolvimento humano, psicologia escolar, psicologia da saúde, psicologia social, psicologia clínica, psicopatologias, literatura, tecnologia e inovação.

Os tipos de estudos explorados nesta obra foram: estudo transversal, pesquisa descritiva, revisão sistemática de literatura, revisão de pares, revisão literária, entrevista semiestruturada, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, aplicação de questionários, reflexão histórico-cultural, análise documental, materialismo histórico-dialético, revisão integrativa da literatura, estudo de caso, diagnóstico institucional e dialético-simbólico.

Com isso, a obra “A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 3” explora a diversidade e construção teórica na psicologia, através de estudos realizados em diferentes instituições de ensino no contexto nacional e internacional. Nesse âmbito, é relevante a divulgação e construção do conhecimento através da produção científica. Para tanto, a Atena Editora possui uma plataforma consolidada e confiável, sendo referência nacional e internacional, para que estes pesquisadores explorem e divulguem suas pesquisas.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
APOIO SOCIAL EM GESTANTES DE ALTO RISCO	
Jamile Carneiro da Silva	
Fernanda Pasquoto de Souza	
Aline Groff Vivian	
DOI 10.22533/at.ed.1832017061	
CAPÍTULO 2	17
A DEVOLUÇÃO DE CRIANÇAS NO PROCESSO ADOTIVO: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Marjane Bernardy Souza	
Amanda Silveira Bach	
DOI 10.22533/at.ed.1832017062	
CAPÍTULO 3	32
THE ROLE OF FATHERS IN SUCCESSFUL CHILD DEVELOPMENT: A SUMMARY OF THE EMPIRICAL LITERATURE AND RESOURCES FOR MENTAL HEALTH AND SOCIAL PROFESSIONALS	
Cátia Magalhães	
Karol Kumpfer	
Margarida Gaspar de Matos	
Bruno Carraça	
DOI 10.22533/at.ed.1832017063	
CAPÍTULO 4	49
DOS PAPÉIS DO PSICÓLOGO JURÍDICO NOS CASOS DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR INFANTOJUVENIL	
Macia Cristini de Almeida Bezerra	
Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.1832017064	
CAPÍTULO 5	64
MARCOS DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS NUMA VISÃO NEUROPSICOPEDAGÓGICA: CONHECENDO O TÍPICO PARA IDENTIFICAR O ATÍPICO	
Mariana Abreu da Silva Velho	
Fabrício Bruno Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.1832017065	
CAPÍTULO 6	75
O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE AS REGRAS?	
Camila Lima Silva	
Priscila Bonato Galhardo	
Thais Sindice Fazenda Coelho	
Gabriel Rossi Calsoni	
Paulo Yoo Chul Choi	
Luciana Maria Caetano	
Betânia Alves Veiga Dell' Agli	
DOI 10.22533/at.ed.1832017066	
CAPÍTULO 7	86
TÉCNICAS DE AUTOMONITORAMENTO EMOCIONAL EM TERAPIA COGNITIVA COM CRIANÇAS	

CAPÍTULO 8	91
TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO: INTERVENÇÕES EM TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL COM CRIANÇAS	
Antonia Kaliny Oliveira de Araújo Perpetua Thais de Lima Feitosa Quental Isabelle Cerqueira Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1832017068	
CAPÍTULO 9	104
ESTUDO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE O DESFRALDE E O USO DO <i>EU</i>	
Anna Victória Pandjarjian Mekhitarian Moraes Rogerio Lerner Lia Queiroz do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.1832017069	
CAPÍTULO 10	125
LUDICIDADE E ESCOLARIZAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	
Vera Lucia Almeida Damiani Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.18320170610	
CAPÍTULO 11	132
ENVELHECIMENTO(S), QUALIDADE DE VIDA E BEM-ESTAR	
José Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18320170611	
CAPÍTULO 12	145
OS CUIDADOS COM O CUIDADOR DE IDOSOS	
Giselda Viera Eggres Juliana Marques Fagundes Tres Katia Simone da Silva Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.18320170612	
CAPÍTULO 13	153
APONTAMENTOS SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UM COMPARATIVO ENTRE MULHERES NEGRAS, BRANCAS E PARDAS	
Bárbara Fernanda Marinho de Freitas Letícia Fiuza Canal Bruna Mendes Ballen Sandro Caramaschi	
DOI 10.22533/at.ed.18320170613	
CAPÍTULO 14	164
ANÁLISE DOS COMPORTAMENTOS DE SUZANE VON RICHTHOFEN CARACTERÍSTICOS DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL	
Marcio Jorge Manoel Pinto Rafael Alves Cioca Rafael João Valentim Batista dos Santos	

CAPÍTULO 15	170
VIOLÊNCIA DE ESTADO NO BRASIL: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL DAS NARRATIVAS E MEMÓRIAS COLETIVAS DOS CRIMES DE MAIO DE 2006	
Ana Paula Stein de Oliveira Naiara Roberta Vicente de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.18320170615	
CAPÍTULO 16	183
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA E MANIFESTAÇÕES PSICOSSOMÁTICA DO <i>ESTRESSE</i> EM TRABALHADORES DA SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA	
Gabrielly Gomes dos Santos Karine Rebelatto Muniz Hygor Lobo Neto Camargo Lopes Iracema Gonzaga Moura de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.18320170616	
CAPÍTULO 17	197
O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO FRENTE AOS DISTÚRBIOS E TRANSTORNOS CAUSADOS PELA ANSIEDADE	
Vanieli Aparecida Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.18320170617	
CAPÍTULO 18	209
DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO EM SAÚDE MENTAL	
Tallys Newton Fernandes de Matos Ottorino Bonvini José Manuel Peixoto Caldas Ana Maria Fontenelle Catrib	
DOI 10.22533/at.ed.18320170618	
CAPÍTULO 19	222
AS DIFERENTES FACES DA ANSIEDADE: COMPREENSÕES A PARTIR DA ANÁLISE COMPORTAMENTAL	
Amanda Cybelle da Silva Amaral Amanda Moreira Bezerra Érica Alessandra Barbosa Silva Fagner da Silva Medeiros Giselle Bezerra dos Santos Araújo Luana Kelle Ferreira Pereira Giliane Cordeiro Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.18320170619	
CAPÍTULO 20	232
DEMANDAS POR MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NAS DISCUSSÕES AGRESSIVAS NO <i>FACEBOOK</i> DOS ALUNOS DE PSICOLOGIA	
Carmen dos Santos Godoy Ura Bruna Elisa Baroni Sandro Caramaschi JoseTadeu Acuna Marianne Ramos Feijó	

CAPÍTULO 21	245
RESTRIÇÃO DE FRUTOSE NA DIETA E A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO RESISTIDO COMO ESTRATÉGIA PROMOTORA DA SAÚDE EM INDIVÍDUOS COM ESTEATOSE HEPÁTICA NÃO ALCOÓLICA	
Carolina Cristina de Freitas Raquel Alves dos Santos Marina Garcia Manochio-Pina	
DOI 10.22533/at.ed.18320170621	
CAPÍTULO 22	257
UMA ANÁLISE DA OBRA NIETZSCHIANA A PARTIR DA LÓGICA SIMBÓLICA DE MÁSRIO FERREIRA DOS SANTOS	
Tiago Teixeira Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.18320170622	
CAPÍTULO 23	273
O USO DO SMARTPHONE ENQUANTO TECNOLOGIA MÓVEL NA APRENDIZAGEM À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO CRÍTICA	
Joaquim Ferreira da Cunha Neto	
DOI 10.22533/at.ed.18320170623	
CAPÍTULO 24	286
A TÉCNICA DE MINDFULLNES ALIADA A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO E PREVENÇÃO DE RECAÍDAS EM PACIENTES COM IDEAÇÃO SUICIDA	
Felippe Henrique Nascimento Valdir de Aquino Lemos Fábio Guedes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.18320170624	
CAPÍTULO 25	311
A CROMOTERAPIA NO TRATAMENTO DA ANSIEDADE	
Lais Amarante Carneiro Leão Mirian Jacoby Sabatke Carolina Dea Bruzamolín Carlos Roberto Botelho Filho João Armando Brancher Maurício Yanes Alves da Silva Marilisa Carneiro Leão Gabardo	
DOI 10.22533/at.ed.18320170625	
SOBRE O ORGANIZADOR	321
ÍNDICE REMISSIVO	322

ESTUDO DA ASSOCIAÇÃO ENTRE O DESFRALDE E O USO DO EU

Data de aceite: 05/06/2020

Data de submissão: 19/03/2020

Anna Victória Pandjarjian Mekhitarian Moraes

Estudante de doutorado

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo - SP

<https://orcid.org/0000-0003-3860-0768>

Rogério Lerner

Professor Associado II

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo - SP

<https://orcid.org/0000-0002-8525-934X>

Lia Queiroz do Amaral

Professora Titular Senior

Instituto de Física da Universidade de São Paulo, Departamento de Física Aplicada, São Paulo, SP

<https://orcid.org/0000-0002-5034-5328>

RESUMO: O estabelecimento do desfralde e o início do uso do “eu” pela criança ocorrem em torno dos 2-3 anos. Diante dessa aproximação temporal, o objetivo deste estudo foi investigar a possível associação entre o uso do “eu”

e o processo de conquista do desfralde em sete crianças matriculadas em uma creche institucional do Estado, usando metodologia qualitativa. As crianças foram acompanhadas por um período total de 10 meses, com verificação mensal dos dois eventos, através de questionários sobre o desfralde e de filmagem de sessões lúdicas, de onde foram extraídas as manifestações verbais das crianças. As expressões verbais foram qualitativamente analisadas a partir dos seguintes eixos: 1. Situações de possessividade relacionadas ou não a conflitos; 2. Independência e alternância com imitação e 3. Mistura entre a primeira e a terceira pessoa para fazer referência a si mesmo. No período contemplado pela pesquisa, 3 crianças (2 meninas e 1 menino) chegaram ao desfralde. Os resultados indicaram associação entre desfralde e uso do “eu” principalmente nos seguintes aspectos: predomínio do uso do “eu” para fazer referência a si mesmo, uso do “eu” em situações de independência e em situações nas quais há o desejo de mostrar às outras pessoas habilidades já adquiridas pela criança.

PALAVRAS-CHAVE: Controle esfinteriano, eu, desenvolvimento infantil

STUDY OF THE ASSOCIATION BETWEEN THE PROCESS OF GETTING FREE FROM DIAPERS AND THE USE OF “I”

ABSTRACT: The “process of getting free from diapers” (symbol D) and the beginning of the use of “I” by the child occur around 2-3 years. In face of this temporal approach, the objective of this study was to investigate the possible association between the use of “I” and the D in seven children enrolled in an institutional daycare center of the State, using a qualitative methodology. The children were followed for a total period of 10 months, with monthly verification of the two events, through questionnaires about the D and filming of play sessions, from which the verbal manifestations of the children were extracted. Verbal expressions were qualitatively analyzed from the following axes: 1. Situations of possessiveness, related or not to conflicts; 2. Independence and alternation with imitation and 3. Mixing between the first and third person to show self-awareness. In the period contemplated by the research, 3 children (2 girls and 1 boy) got free from diapers. The results indicated an association between the D and the use of “I” mainly in the following aspects: predominance of the use of “I” to express self-awareness, use of “I” in situations of independence and in situations in which there is a desire to show to other people abilities already acquired by the child.

KEY-WORDS: Sphincter control, I, child development

1 | INTRODUÇÃO

As questões relativas à linguagem e ao pensamento no ser humano sempre foram objeto de indagações e perplexidades. Nas últimas décadas essas questões tiveram avanços em novas direções, ligadas sobretudo a conexões com a evolução biológica. Ressurgiu a ideia de seleção sexual, proposta inicialmente por Darwin, inclusive com foco em humanos e suas preferências sexuais, como visto em artigo de revisão recente (Wilson et al. 2017). As ligações entre psicanálise e o cérebro humano também têm sido revistas (Marom, 2015), e as origens biológicas dos sentimentos e da cultura são analisadas em livro recente, já traduzido em português (Damasio, 2018). No Brasil, houve o crescimento da Etologia (Ades, 2010) e também da Psicologia Evolucionista (Hattori & Yamamoto, 2012).

A Antropologia Evolutiva, que inclui o estudo de primatas, levou a novas propostas ligando biologia e cultura: Tomasello e colaboradores elaboram teorias sobre a construção do humano nos primeiros anos da infância (Tomasello & Gonzalez-Cabrera, 2017; Tomasello, 2019) e Heidi Keller investiga o desenvolvimento infantil em diferentes culturas (Keller, 2019).

Por outro lado, existe crescente interesse na ideia de consciência corporal, e seu desenvolvimento em crianças, a partir das ideias de esquema corporal e imagem corporal, conforme visto em artigo de revisão recente (Vignemont, 2016).

No desenvolvimento infantil humano, o primeiro ano de vida pode ser caracterizado pelo controle da movimentação do próprio corpo, e em seguida pela locomoção bípede, que implica numa consciência corporal, ainda sem linguagem.

Em artigo recente (Hodges, 2017) discute origens da linguagem e possível interdependência entre cooperatividade e linguagem, em sequência a Tomasello, citando vários trabalhos que levantam relações que incluem a evolução da forma bípede de locomoção. Hodges enfatiza o cenário que correlaciona a diminuição dos pelos com a necessidade de as fêmeas carregarem suas crias (Amaral, 2008), o que leva a uma pressão seletiva para o bipedalismo. Isso por sua vez leva a necessidade de divisão de trabalho e cooperação, pois cuidar das crias passa a interferir com a forma de obtenção de alimentos.

Dentro da ideia de interdependência entre aspectos biológicos e aspectos linguísticos do desenvolvimento infantil, foi definida a pesquisa relatada neste trabalho, com a proposta original de estudar a associação entre o processo de desfralde, que envolve controle esfinteriano, mas também interações de comunicação com a criança, e o uso de pronome em primeira pessoa do singular (*eu*) em crianças.

É notória a confluência do período de vida em que se estabelece o desfralde e em que se inicia o uso do “eu” pela criança. Ao começar a falar, a criança faz referência a si mesma na terceira pessoa, imitando a forma como os adultos se referem a ela. Chega porém um momento em que ela começa a dizer “eu” ao se referir a ela mesma. Marcas do desenvolvimento da fala são bem conhecidas (site Johns Hopkins Medicine, acesso em abril de 2019). O desfralde se estabelece, na maioria das culturas, entre 24 e 36 meses (Mota & Barros, 2008 a,b). Esses dois eventos, marcantes na vida da criança, são aparentemente independentes, mas ocorrem na mesma época, tipicamente entre 2 e 3 anos de idade.

A despeito dessa evidente aproximação temporal, não localizamos na literatura pesquisas que se dedicam a investigar uma possível associação entre esses marcos do desenvolvimento humano. Existe pesquisa de formas de evacuação ligada a questões sanitárias de saúde pública em regiões subdesenvolvidas (Caruso *et al.*, 2017) e também pesquisa em métodos de obter o desfralde por treinamento em crianças (Greer *et al.* 2016). Todavia, a pesquisa desenvolvida neste trabalho está centrada na associação do desfralde com o uso do “eu”, não pensados como um aspecto mental e outro corporal do desenvolvimento, mas sim como processos nos quais mente e corpo se interpenetram e por vezes se tornam indissociáveis.

A presente pesquisa assumiu um caráter qualitativo (Smith, 2015), na vertente fenomenológica, analisando a articulação dos aspectos mental e corporal observados no comportamento das crianças.

Uma apresentação inicial dos resultados foi feita na forma de painel no SIICUSP

(Pandjarjian et al. 2017).

Após o término da pesquisa, na fase de redação deste trabalho, foi feita nova pesquisa bibliográfica, que confirmou a inexistência de estudos sobre a associação aqui investigada. Foram localizados dois artigos antigos que abordam em detalhe cada um dos dois processos, e que deram maior embasamento na análise final dos resultados obtidos nesta pesquisa:

- A relação entre linguagem e uso dos pronomes em crianças pequenas estudada por Goodenough (1938) relata uma pesquisa quantitativa bastante completa.

- Brazelton (1962) estudou um método de treinamento do desfralde, levando em conta a maturidade física e emocional das crianças.

No próximo item é detalhada a metodologia adotada no estudo longitudinal (ao longo de dez meses) de sete crianças na faixa etária 18 a 36 meses no início da pesquisa, numa creche institucional do estado. Em seguida são apresentados separadamente os resultados para o desfralde e o uso do “eu”, com ênfase na evolução desses marcos ao longo da pesquisa e nas três crianças que atingiram o desfralde durante a mesma. Foi possível também analisar o uso do pronome pessoal plural “nós”, que aparece mais tardiamente na linguagem infantil. Segue-se uma discussão da associação verificada entre o desfralde e o uso do “eu”, e também da relação entre as observações objetivas com as percepções internas das crianças. No último item são ressaltadas as conclusões deste trabalho, que levam a perspectivas de trabalho futuro.

2 | MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

A metodologia da pesquisa aqui apresentada foi qualitativa, partindo-se de questões e focos de interesse amplos (desenvolvimento do uso do “eu” e do desfralde) que foram se definindo na medida da realização do estudo, tal qual descrito por Godoy (1995). As pesquisas qualitativas comumente não acontecem em laboratórios ou ambientes controlados. Em geral, se desenrolam no ambiente “natural” dos participantes, sendo por isso também chamadas de “pesquisas naturalísticas” ou “pesquisas de campo” (Godoy, 1995). É nesse sentido que a pesquisa aqui apresentada foi realizada na creche, ambiente “natural” dos participantes.

Segundo Godoy (1995), a metodologia qualitativa é mais adequada do que a quantitativa quando estamos lidando com problemas pouco conhecidos. Esse é o caso da pesquisa aqui discutida, uma vez que investigações a respeito do desfralde e, mais especificamente, de sua associação com expressões verbais na faixa de idade de interesse, são quase inexistentes no meio acadêmico. A seguir, as etapas metodológicas e procedimentais empregadas neste estudo serão descritas em detalhe.

Inicialmente a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Uma interação direta entre a pesquisadora e a psicóloga da Creche levou ao consentimento formal dessa instituição para que ali fosse feita a coleta de dados. A psicóloga da instituição informou à pesquisadora os nomes de todas as sete crianças matriculadas na creche que estavam na idade de interesse ao escopo da pesquisa (critério de inclusão - idade da criança: inicialmente, entre 18 e 36 meses). Em seguida, os pais foram contatados e todos eles aceitaram participar da pesquisa. Eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e somente depois a coleta de dados começou.

É importante destacar que essa creche não tem um programa definido para desfraldar as crianças, assim o desfralde costuma ocorrer durante as férias. Além disso, em geral os pais ficam por breves períodos de tempo na instituição, uma vez que eles precisam deixar ali suas crianças e logo em seguida ir para o trabalho. Esse fato gerou consequências sobre a coleta de dados, que serão mais detalhadas adiante. Tomou-se cuidado para evitar que as crianças estivessem fazendo uso de remédios que pudessem alterar sua atividade gastrointestinal (isso poderia atrapalhar o processo do desfralde).

As sete crianças matriculadas na referida creche (4 meninas e 3 meninos) foram acompanhadas longitudinalmente por um período de 10 meses. As idades iniciais das crianças variaram de 18 a 30 meses, como pode-se ver na tabela 1, e todas elas apresentam desenvolvimento típico, de acordo com os resultados de aplicação do ASQ - BR (Ages & Stages Questionnaires - Versão brasileira).

O ASQ é um instrumento de rastreio construído para detectar alterações do desenvolvimento (Lopes *et al.*, 2011). Os resultados são organizados em cinco áreas: comunicação (C), coordenação motora fina (CMF), coordenação motora ampla (CMA), resolução de problemas (RP) e pessoal/social (PS) e são dados nos seguintes termos: não requer avaliação (primeira categoria), precisa de atividades adicionais com monitoramento da sua evolução (segunda categoria) e requer atividade direcionada/aprofundada feita por profissional (terceira categoria). Essa última categoria aponta para uma trajetória de desenvolvimento atípica (Cruz, Dias & Pedroso, 2014). A tabela 1 apresenta as categorias das crianças, simplificadas na forma “só 1^a”, “1x2^a” e “3x2^a”. Nenhuma das crianças se enquadra na categoria três, e nenhuma delas foi excluída. A tabela também nos fornece informações acerca das figuras familiares presentes e algumas observações que permitem uma compreensão maior das particularidades da amostra.

Criança	1	2	3	4	5	6	7
Sexo	Fem	Fem	Masc	Fem	Fem	Masc	Masc
Idade inicial	18 m	18 m	22 m	29 m	29 m	30 m.	30 m.
Responsável	Pai	Mãe	Mãe	Mãe	Mãe	Pai	Mãe
Resultados ASQ - BR	Só 1 ^a	Só 1 ^a	3 x 2 ^a	1 x 2 ^a	Só 1 ^a	1 x 2 ^a	Só 1 ^a
Figuras familiares presentes	Mãe, pai, madras-ta e irmão de 5 anos.	Mãe, pai e irmã de 6 anos.	Mãe e tias.	Mãe, pai e irmão de 5 anos.	Mãe, pai e irmão de 6 anos.	Mãe, pai e irmão de 5 anos.	Mãe, pai e irmã de 6 anos.

Tabela 1. Informações gerais sobre as crianças da amostra, com categorias do ASQ-BR (Ages & Stages Questionnaires Versão brasileira), explicadas no texto.

Obs. 1. O responsável pela criança 1 respondeu o ASQ-BR cinco meses depois que a coleta começou. Assim, quando esse questionário foi aplicado, a criança tinha 23 meses.

2. A criança 2 mudou de cidade no quarto mês da pesquisa.

Sessões lúdicas foram mensalmente filmadas com as crianças, com ênfase nas interações entre eles e no uso de pronomes em primeira pessoa (*eu, meu, etc*). A coleta de dados resultou em 710 vídeos com tempo de duração variável (mínimo de dez e máximo de 720 segundos, média: 64 segundos, com um total de 12,6 horas). A partir dos vídeos, a pesquisadora anotou toda a troca de palavras registrada entre as crianças. A análise de dados foi feita a partir dessas anotações das expressões verbais.

A duração de cada sessão lúdica foi de cerca de duas horas e elas se desenrolaram em pequenos grupos de crianças. Seis crianças da amostra (1-6) estavam na mesma classe, enquanto a sétima tinha colegas diferentes e foi observada separadamente, na companhia de crianças mais velhas. Do sexto mês da pesquisa em diante, com a mudança do ano letivo, todas as crianças da amostra passaram a estar na mesma classe.

Nas primeiras sessões lúdicas a pesquisadora fez um esforço para estabelecer um bom *rappor*t com as crianças. Assim, as conversas e brincadeiras poderiam fluir mais eficientemente durante todo o período da pesquisa. A escolha do brincar livre como método baseou-se nas ideias de Winnicott (1971), para quem é somente no brincar que o ser humano, criança ou adulto, pode desfrutar inteiramente de sua personalidade (Belo & Scodeler, 2013). Os materiais, os mesmos durante os dez meses de coleta, foram: bonecas, carrinhos, bichos de pelúcia, folhas de papel com giz de cera, um pequeno espelho, bem como outros brinquedos presentes no ambiente da creche, como escorregadores e motocicletas.

Pais ou cuidadores das crianças responderam mensalmente um questionário online a respeito do desenvolvimento do processo de desfralde de suas crianças. O contato online dos pais foi uma maneira encontrada de resolver o problema de que eles ficavam pouco tempo na creche para deixar seus filhos e, assim, não tinham disponibilidade para conversar com a pesquisadora.

As perguntas foram inspiradas principalmente em uma pesquisa quantitativa conduzida em 2008 (Mota & Barros, 2008 b), que tinha como objetivo avaliar a prevalência de crianças já desfraldadas aos 24 meses de idade, bem como os fatores associados. Os resultados dessa pesquisa mostraram que na idade de dois anos (24 meses) as habilidades requeridas para a aquisição do controle esfinteriano já estavam presentes. Ainda assim, a maioria das crianças da amostra ainda não havia iniciado o seu treinamento para o desfralde. Os mencionados pesquisadores consideraram a importância das seguintes aquisições no processo de retirada das fraldas: desenvolvimento motor (andar firmemente, sentar), linguagem (falar ao menos dez palavras), coordenação motora (saber tirar a própria roupa) e cognição (entender e seguir instruções, indicar a necessidade de ir ao banheiro). É importante salientar que as perguntas inspiradas no trabalho de Mota & Barros (2008 b) não levaram a resultados definidos para a pesquisa aqui descrita, pois se referem a outra situação, de uma pesquisa quantitativa com outro escopo de investigação. O que interessou de fato à presente pesquisa foi a maneira como se deu a evolução de cada criança ao longo do tempo, no que diz respeito ao desfralde e às expressões verbais.

Um total de 70 questionários sobre o processo de desfralde (dez para cada criança) foram aplicados ao longo dos dez meses de coleta de dados. De cada questionário respondido, as mudanças percebidas foram consideradas em relação ao mês anterior e, devido a essas transformações, algumas perguntas foram reformuladas, substituídas ou acrescentadas a cada mês. Colocou-se sob foco a dimensão processual e temporal do desfralde.

Foram localizados também artigos recentes sobre desfralde, e técnicas de desfraldamento, (Kidoo, 2012; Schutz, 2014; Barbosa, & Quadros, 2017), mas que não aprofundam a correlação com a maturação do desenvolvimento infantil, que é o enfoque aqui adotado.

No período de 10 meses da coleta, três crianças da amostra desfraldaram, nos períodos de férias, sendo duas do sexo feminino (uma no quarto e a outra no décimo mês da coleta) e um do sexo masculino (no quarto mês da coleta),

3 | RESULTADOS

Inicialmente serão apresentados de forma separada os resultados obtidos para o Desfralde e para as verbalizações das crianças, focalizando o uso do “eu”, e depois o estudo da associação ente os dois temas. Ressalte-se que a categorização pelo ASQ separou as crianças em 3 grupos: as que tiveram só 1ª categoria (4 crianças), as que tiveram 1 vez a 2ª categoria (2 crianças) e 1 criança com 3 vezes a 2ª categoria.

3.1 Desfralde

O acompanhamento de cada criança ao longo do tempo permitiu que suas trajetórias de aquisição do controle esfinteriano fossem conhecidas em profundidade. Um resultado comum a quase todas as crianças, não mencionado na literatura, refere-se ao fato de elas fazerem inicialmente bastante confusão, ou seja, não saberem se expeliram “líquido” ou “sólido”, nem se de fato expeliram algo, ou se apenas sentiram vontade de fazer. O processo todo não é linear, avança depois recua, as confusões demoraram meses até que as percepções das crianças pudessem levar ao desfralde. A maioria demonstra curiosidade sobre suas excreções, mais em relação às fezes. Também, foi comum a observação que, mesmo com o desfralde avançado, preferiam muitas vezes não ir ao banheiro e continuar brincando. A preocupação dos pais com o desfralde também variou muito, tanto entre as crianças como ao longo do tempo, e isso foi determinante no processo. Damos a seguir algumas características específicas de cada uma, apresentadas sequencialmente por ordem de idade (da menor para a maior), sendo cada uma delas representada por um número e associada a um símbolo referente ao sexo (M – masculino e F – feminino).

Um ano após o término da coleta de dados foi feito um *follow up* das crianças quanto à situação em relação ao desfralde; esses dados foram obtidos por intermédio de conversas com as educadoras. Verificou-se que apesar das variações havidas durante o processo de desfralde, as crianças conseguiram superar as dificuldades, chegando mais cedo ou mais tarde ao bom controle esfinteriano. As diferenças quanto à categoria ASQ foram ultrapassadas.

3.1.1 Dados sobre cada criança

Criança 1 F - Enganos eram comuns ao longo de toda a pesquisa para essa criança, a mais nova do grupo, e os pais não estavam preocupados com o desfralde. Ela desfraldou cerca de quatro meses após o final da coleta e o processo foi tranquilo. De um dia para o outro ela apareceu na creche sem fraldas, extremamente feliz

com tal novidade. Um ano depois do fim da coleta usava o banheiro com bastante autonomia.

Criança 2 F - Às vezes conseguia diferenciar o que tinha feito, mas até o final da coleta, via e-mail (já que a família mudou de cidade no quarto mês da pesquisa), ocorreram confusões na percepção dos excrementos. Situação um ano depois: desconhecida.

Criança 3 M - Dentre as crianças da amostra, esta é aquela que apresenta questões mais preocupantes no desenvolvimento, e que mais apresentou avaliação pelo ASQ na segunda categoria. Perdeu o pai aos sete meses de idade. Palavras da mãe: *Como o* (meu filho) não tem pai, que é falecido há dois anos, ele tem perguntado mais sobre onde está o pai e sempre diz que o amigo da creche tem pai.

De início, a criança 3M por vezes sinalizava quando a fralda estava suja ou molhada, mas depois regrediu, chegando quase a uma evacuação livre e sem controle no final da pesquisa, sem se incomodar de estar molhado, e a mãe oscilou várias vezes entre tentar o desfralde e desistir.

Cerca de quatro meses após o final da coleta a fralda cheia (seja de fezes ou urina) pouco incomodava o menino. No entanto, logo no mês seguinte (férias), o menino parou de usar fraldas e, no retorno à creche, tinha facilidade em usar o banheiro. Um ano depois do fim da coleta havia mudado de creche.

Criança 4 F - Esta criança obteve uma avaliação do ASQ na segunda categoria. No nono mês da pesquisa, a menina começou a se incomodar muito com a fralda suja. No décimo e último mês da pesquisa, a criança 4F desfraldou no período diurno, conquistando o controle diurno da evacuação, com separação entre urina e fezes. Situação um ano depois: uso do banheiro com bastante autonomia. Raríssimos escapes.

Criança 5 F - No terceiro mês da pesquisa, a criança estava conseguindo se segurar por mais tempo antes de fazer xixi e a mãe disse que estava atenta aos sinais de que a filha estava “preparada” para o desfralde e começou a se ocupar mais diretamente disso. No quarto mês da coleta, a criança 5F chegou ao desfralde diurno, mantendo, até o final da pesquisa, a posição de quem tem o controle diurno da evacuação, com separação entre urina e fezes. Até o final da pesquisa, manteve-se desfraldada apenas no período diurno. A mãe relatou não se ocupar do desfralde noturno já que sua filha sempre acordava com a fralda muito cheia e não dava indícios de estar pronta para tal.

Criança 6 M - Esta criança obteve uma avaliação ASQ na segunda categoria. No quarto mês, a família começou a se ocupar do desfralde diurno e o menino algumas vezes ficou sem fralda, utilizando o penico ou fazendo suas necessidades no chão. Nos meses subsequentes, o pai destacou que, embora a família tivesse iniciado o desfralde, isso não se deu sistematicamente. Uma fala do pai no último

mês da pesquisa é interessante: *Perguntei a ele se queria deixar de ser bebê, se queria se tornar um menino e deixar de mamar no peito e usar fralda, ele disse que não... Mas de resto quer tudo o que o irmão faz.* O desfralde não se estabeleceu. Situação um ano depois: cerca de quatro meses após o final da coleta a fralda cheia (seja de fezes ou urina) pouco incomodava o menino, o que preocupou as educadoras em virtude da idade avançada da criança (quase com quatro anos). No mês seguinte (de férias), chegou ao desfralde e, no retorno à creche, passou a usar o banheiro com autonomia. Os escapes eram raros.

Criança 7 M - De início, a criança algumas vezes sinalizava aos seus cuidadores quando a sua fralda estava suja ou molhada. No quarto mês da pesquisa, a criança 7M chegou ao desfralde diurno, fazendo xixi em pé e com raros “acidentes” (escapes). A mãe relatou que o menino tinha dificuldade de usar o vaso sanitário para fazer cocô. No quinto mês, a criança 7M chegou também ao desfralde noturno, conseguindo acordar de madrugada para ir ao banheiro. Os “acidentes”, tanto no período diurno quanto no período noturno, se tornaram cada vez mais raros. Situação um ano depois: uso do banheiro com autonomia; ausência de escapes.

3.1.2 Análise dos dados do desfralde

Quando a coleta de dados teve início, nenhuma das crianças da amostra havia iniciado ou passado pelo processo do desfralde. Ao longo da pesquisa, conforme visto nos tópicos anteriores, três crianças conquistaram o desfralde: crianças 5F e 7M, no quarto mês da coleta, e criança 4F, no décimo mês. Essas três crianças foram classificadas por ASQ na primeira categoria. Os processos de desfralde foram considerados pelos pais ou cuidadores como bem-sucedidos: os “acidentes” (fazer cocô ou xixi na calça) se tornaram muito raros, as crianças tornaram-se capazes de anunciar que precisavam ir ao banheiro com antecedência e, no caso da criança 7M, houve também o estabelecimento do desfralde noturno, tendo este se dado no quinto mês da pesquisa.

As demais crianças da amostra não desfraldaram e seus respectivos cuidadores em casa em geral não se ocuparam de maneira direta e determinada em fazê-lo. A realização do *follow up* levou à descoberta de que, um ano após o final da coleta de dados, todas as crianças da amostra estavam desfraldadas, embora no menino 6M o desfralde ocorreu quando ele tinha quase quatro anos.

Durante o período de coleta de dados, a questão da possível diferença entre meninos e meninas no processo do desfralde tornou-se evidente. Isso acontece em parte porque, na nossa cultura, meninas sentam no vaso sanitário e os meninos, mesmo que inicialmente se sentem, depois passam a urinar de pé. Isso pode fazer com que as meninas tenham maior confusão entre xixi e cocô, uma vez que,

exatamente na mesma posição, eliminam os dois tipos de excremento. Além disso, as meninas têm maior preocupação com “estarem limpas”, enquanto os meninos não se preocupam muito com isso, como visto no item 3.1.1, quando foram detalhadas características das crianças da pesquisa.

Um confronto qualitativo entre todas as crianças estudadas, incluindo desfraldadas e não-desfraldadas (durante os dez meses da pesquisa) e contemplando informações advindas do *follow up* sinaliza que de fato é possível que existam diferenças entre meninos e meninas. Por exemplo, a menina mais jovem do grupo (criança 1F) desfraldou um mês antes que o segundo menino mais velho do grupo (criança 6M), havendo, aparentemente, maior facilidade no processo para a menina do que para o menino. Concordando com essa ideia, resultados quantitativos na literatura (Brazelton 1962) evidenciaram desfralde mais precoce em meninas do que em meninos.

3.1.3 – Etapas do Desfralde

Todas as observações feitas a respeito dos processos de desfralde foram pautadas em uma visão objetiva acerca das evidências, presentes no comportamento das crianças, de etapas envolvidas no processo do desfralde. Tais etapas podem ser formalizadas da seguinte maneira:

- 1 - Evacuação livre, mas com existência de primeiros precursores.
- 2 - Confusão na percepção dos excrementos (entre xixi e cocô), e entre achar que fez e não fez.
- 3 - Antecipação e sinalização da necessidade de liberar os excrementos.
- 4 - Desfralde diurno.
- 5 - Desfralde noturno.

3.2 - Uso do “eu” pelas crianças

Na metodologia qualitativa, como nos ensina Godoy (1995), parte-se de questões amplas que vão se tornando mais específicas no transcorrer da investigação. Para a autora, nesse tipo de metodologia as abstrações são construídas a partir dos próprios dados, em um processo “de baixo para cima”. Ainda segundo essa estudiosa, quando um pesquisador de orientação qualitativa planeja desenvolver algum tipo de teoria sobre o que está estudando, o quadro teórico é construído aos poucos, à medida que os dados são coletados e examinados.

É nesse sentido que os dados referentes às expressões verbais foram organizados em eixos específicos. Somente no transcorrer da pesquisa, na medida em que os dados foram sendo coletados e meticulosamente examinados, foi sendo possível perceber algumas repetições e padrões que, para fins de exposição e

análise, serão aqui apresentados em eixos.

3.2.1 – Eixos de análise dos registros verbais

No que diz respeito às expressões verbais, foram selecionados como eixos de análise (1) situações de possessividade relacionadas ou não a conflitos (e sua relação com o uso dos pronomes possessivos “meu” e “minha” na fala), (2) situações de independência (e sua relação com o uso do pronome pessoal “eu” na fala, bem como a sua contraposição com situações de imitação) e também (3) situações em que observou-se mistura da primeira e da terceira pessoa para fazer referência a si mesmo. Este último eixo é essencial para que se possa analisar como essa mistura evoluiu, bem como, aos poucos, o uso da terceira pessoa para fazer referência a si mesmo foi sendo deixado de lado.

Ressaltamos que os eixos de possessividade e independência refletem as interações entre as crianças, de forma que a exposição dos dados e análise dos mesmos não se aterá apenas às aquisições relacionadas ao desfralde ou às expressões verbais vistos de maneira isolada, mas considerará os contextos em que esses comportamentos se manifestaram.

Os três eixos foram subdivididos em três níveis cada:

Possessividade (P): P1 (Possessividade inicial, por impulso, caracterizada apenas pelo uso do “meu”), P2 (Possessividade associada a conflito entre duas crianças especificamente) e P3 (Situações de conflito por possessividade envolvendo mais do que duas crianças).

Imagem (I): I1 (predomínio da imitação, ou seja, repetição da fala de colegas, muitas vezes com o uso do “eu” de maneira não espontânea), I2 (uso de pronomes pessoais e verbos em primeira pessoa em situações de independência e de expressão do próprio desejo, em um nível individual) e I3 (uso dos mesmos em situações nas quais manifestou-se o desejo de mostrar às outras pessoas as próprias capacidades, com o desejo de que estas pudessem ser reconhecidas e celebradas pelas outras pessoas).

Si Mesmo (S): S1 (uso de gestos ou da terceira pessoa para explicitar consciência de si), S2 (mistura da primeira e da terceira pessoa para fazer referência a si mesmo) e S3 (uso da primeira pessoa para fazer referência a si mesmo).

Exemplos dessas formas de expressão de linguagem estão expostos na Tabela 2.

Tipos de expressões linguageiras	Exemplos
P1	C1F – 2ºmês: Ao ver o cachorro de pelúcia na mão de sua amiga - <i>Meu, meu.</i>
P2	C1F - 5ºmês: <i>Minha bola!!! Minha bolaaaaaa! A minha bola!</i> (um menino pegou a bola com que ela estava brincando).
P3	C4F e C5F – 9º mês: Um menino aproximou-se de C4F e de seu estojo e a menina ficou bastante irritada. Ela disse: <i>É meu!!! Eu não quero você agora!</i> C5F interveio a favor da amiga: <i>Eu vou falar com ele.</i> C5F se aproximou do menino e deu uma “bronca” nele.
I1	C5F – 5º mês: <i>Eu!</i> (quero brincar de bola). C3M, repetiu: <i>Eu!</i>
I2	C1F – 5º mês: <i>Eu quero tirar foto.</i> C5F – 5º mês: <i>Eu vou cozinhar, eu sou grande agora.</i>
I3	C5F – 6º mês: <i>Olha, eu pulo dali, olha. Eu pulo assim da escada, olha.</i>
S1	C3M – 10º mês: <i>Quem veio na festa junina?</i> Resposta: <i>O... nome da criança, a mãe do... nome da criança</i> (uso da 3ª pessoa).
S2	C2F – 1º mês: <i>Eu quero o “auau”</i> (uso do “eu”). C2F – 1º mês: <i>Quem fez esse desenho? Foi a... nome da criança</i> (uso da 3ª pessoa).
S3	C7M – 3ºmês: <i>A formiga me picou e aí e aí e aí eu fui lá e aí a formiga me picou.</i>

Tabela 2. Exemplos da categorização das expressões de linguagem, explicadas no texto

(C – Criança em ordem de idade; F – Feminino e M – Masculino).

A análise de como esses níveis variavam ao longo do tempo, para cada criança, mostrou que, embora tenham a tendência de evolução sucessiva, não é possível a obtenção de uma estrutura clara, nem homogênea para todas as crianças. Nem todos os eixos puderam ser detectados para todas as crianças em cada um dos meses da coleta. Além disso, alguns símbolos referem-se a interações das crianças da pesquisa com outras crianças presentes no mesmo espaço. Pode-se também perceber que a maneira como cada criança pode ser classificada quanto aos eixos Possessividade (P), Imagem (I) e Si mesmo (S) ao longo dos meses da coleta não é absolutamente linear. No terceiro mês da pesquisa, a criança 7M, por exemplo, utilizou exclusivamente a primeira pessoa para fazer referência a si mesma (S3). No quinto mês, todavia, demonstrou mistura entre a primeira e a terceira pessoa para fazer referência a si mesma (S2). Tais “regressões” estiveram presentes em outras crianças em diferentes momentos do período da coleta de dados, e revelam que, assim como o desfralde, a manifestação da consciência de si na fala também pode comportar certas “idas e vindas”.

3.2.2 – Etapas do uso do “eu”

O uso da forma possessiva (“meu”/“minha”) existe em todas as crianças, e pode inclusive existir antes do uso do “eu”. As fases / etapas do desenvolvimento do uso do “eu” podem ser formalizadas da seguinte maneira:

- 1 – Completa ausência do uso do “eu”.
- 2 - Uso predominante da terceira pessoa para fazer referência a si mesmo(a).
- 3 - Mistura entre a primeira e a terceira pessoa para fazer referência a si mesmo(a).
- 4 - Uso consolidado da primeira pessoa (“eu”), com possibilidade de usar esse pronome pessoal para expressar os próprios desejos e em situações de independência.
- 5 - Uso consolidado da primeira pessoa (“eu”), com a expressão do desejo de que as outras pessoas reconheçam as habilidades já desenvolvidas pela criança.

3.3 Análise do uso de “nós” além do uso do “eu”

O acompanhamento das crianças ao longo do tempo levou à percepção de que, para além do pronome possessivo “meu/minha” e do pronome pessoal “eu” destacam-se também, como importantes marcadores verbais da socialização, os pronomes na primeira pessoa do plural (“nosso/nossa” e “nós” ou “a gente”). A análise dos dados revelou que seu uso, comparado ao uso dos pronomes “meu/minha” e “eu” é mais tardio no desenvolvimento, como já observado no mencionado estudo quantitativo de Goodenough (1938).

A seguir, será apresentado um resumo acerca de como cada uma das crianças desta pesquisa fez (ou não) uso desses pronomes, bem como os contextos nos quais eles foram utilizados. De maneira geral, ficou claro que existe bastante diferença no uso do “nós” entre as várias crianças, inclusive com possíveis diferenças de gênero, e que a individualidade parece ser anterior à socialização. Vale notar que as três crianças que desfralaram durante a pesquisa (4F, 5F e 7M) foram as que mais usaram “nós”.

Criança 1 F - Fez uso de pronomes na primeira pessoa do plural apenas nos meses 7, 9 e 10 da coleta. Foram apenas três as situações em que isso aconteceu: por duas vezes, ela utilizou a expressão “a gente” para fazer referência a si mesma e uma ou mais coleguinhas e, em outro momento, utilizou o verbo “vamos”, cuja desinência designa a primeira pessoa do plural - “nós”.

Criança 2 F - Fez uso de pronome na primeira pessoa do plural apenas uma vez, no terceiro mês da pesquisa, quando utilizou a expressão “a gente” para dizer que ela e suas amiguinhas estavam dançando. Vale lembrar que a menina deixou de frequentar a creche no quarto mês da coleta e que, a partir de então, não foi

possível estabelecer registros acerca de sua fala.

Criança 3 M - Não fez uso espontâneo de pronomes na primeira pessoa do plural ao longo de todo o período da coleta.

Criança 4 F - Fez uso de pronomes na primeira pessoa do plural nos meses 3, 5, 6, 8 e 9 da pesquisa. No terceiro mês da coleta de dados, o pronome possessivo “nossa” foi usado três vezes para fazer referência à casinha que, na brincadeira, era sua propriedade e de sua amiguinha. A expressão “a gente” também foi utilizada, no intuito de fazer referência a ela mesma e sua colega.

No quinto mês da coleta, a expressão “a gente” foi utilizada uma única vez, em frase na qual ela se referiu a ela mesma e mais uma amiguinha. Já no sexto mês, a criança utilizou a expressão “da gente” para indicar que ela e sua amiguinha possuíam um secador de cabelo de brinquedo. Nesse mês fez uso também do verbo “vamos”, cuja desinência indica se tratar da primeira pessoa do plural. No oitavo mês da coleta, essa criança utilizou a expressão “a gente” por três vezes, em situações nas quais referiu-se a ela mesma na companhia de um ou mais amiguinhos. Utilizou também a expressão “pra gente”. No nono mês, por fim, utilizou a expressão “a gente” por três vezes.

Criança 5 F - Dentre as crianças da amostra, foi a que fez uso, com maior frequência, de pronomes - tanto pessoais quanto possessivos - na primeira pessoa do plural. Em todos os meses da coleta apareceram esses pronomes e, de maneira geral, a sua frequência foi aumentando ao longo do tempo.

As expressões utilizadas pela menina foram “a gente”, “da gente”, “nossa”, “nosso”, “nós” e verbos (ex.: “ganhamos”) cuja desinência indica a primeira pessoa do plural. Além disso, vale destacar que a menina fez uso da expressão “de todo mundo” por duas vezes, no oitavo mês da coleta, revelando um senso de coletividade ao enfatizar que determinados objetos da creche eram de uso comum.

Criança 6 M - Utilizou a expressão “a gente” apenas duas vezes ao longo da pesquisa, ambas no oitavo mês da coleta.

Criança 7 M - As ocorrências de pronomes na primeira pessoa do plural se referem aos meses 7, 8, 9 e 10, nos quais a criança utilizou as expressões “a gente”, “nossa” e verbos (ex.: “vamos”) cuja desinência indica a primeira pessoa do plural. Vale destacar que, no décimo mês da pesquisa, ao ver um crachá com o desenho de um adulto e uma criança, perguntou à pesquisadora: “É você e eu?”. O uso da expressão “você e eu” denota consciência de “nós”.

4 | DISCUSSÃO

4.1 - Associação entre o desfralde e o uso do “eu”

Uma vez que os resultados da pesquisa foram expostos, é importante que agora se discuta a possível associação entre o desenvolvimento do controle esfinteriano e o desenvolvimento do uso do “eu”. Para tanto, em um primeiro momento, cabe observarmos as crianças da amostra que chegaram ao desfralde e quando isso se deu.

Tal qual exposto nos resultados, as crianças 4F, 5F e 7M chegaram ao desfralde, nas férias. Para a criança 4F, isso se deu no último mês da coleta, ao passo que para as crianças 5F e 7M isso se deu no quarto mês da pesquisa. A criança 7M tinha mais idade, e estava em outra classe até o mês das férias. É importante observarmos a maneira como, no momento do desfralde, essas crianças estavam se posicionando na fala e de que forma estavam expressando consciência de si.

Com pequenas variações, os resultados indicam que, no momento do desfralde, as crianças tinham consolidado o uso do “eu” e da primeira pessoa, expressavam os próprios desejos através da fala e produziam abundantes verbalizações com o uso do pronome “eu” em situações de independência. Observamos também que, embora o uso dos pronomes “meu” e “minha” continuassem presentes, os conflitos por possessividade já haviam diminuído significativamente no momento do desfralde. Com isso, não se pode inferir que o sentimento de possessividade deixou de existir dentre as crianças, mas que sua expressão se tornou menos abundante.

Outro dado importante é que, nesse momento ou pouco tempo depois, essas crianças passaram a usar o “eu” em situações nas quais manifestavam o desejo de que suas próprias habilidades pudessem ser reconhecidas pelas outras pessoas. Notamos, assim, um posicionamento discursivo comum por parte de cada uma das crianças que atingiram o desfralde, e no momento em que o atingiram.

O fator “idade cronológica” não pareceu ser preponderante na conquista do desfralde. As crianças 4F e 5F, bem próximas em idade, atingiram o desfralde com vários meses de diferença. Nesse sentido, é importante salientarmos que a criança 6M, muito embora fosse mais velha do que as crianças 4F e 5F, não atingiu o desfralde até o final do período da coleta. É interessante notarmos que, até o final da pesquisa as misturas entre a primeira e a terceira pessoa para fazer referência a si mesmo continuaram muito presentes no caso desse menino que, à época, utilizava ainda com pouca frequência o pronome pessoal “eu”.

No caso da criança 3M, tal qual relatado no tópico dos resultados, foram abundantes as tentativas e insistências por parte da mãe de que o menino retirasse as fraldas. Essas tentativas, no entanto, não foram bem-sucedidas, o que levou a

mãe a desistir do objetivo do desfralde, ao menos durante o período contemplado pela pesquisa. Quanto às expressões verbais, os dados revelam a persistência de falas imitativas e repetitivas (nas raras vezes em que o “eu” era utilizado, em geral isso se dava de maneira não espontânea, pela repetição da fala de colegas) e o predomínio da terceira pessoa para fazer referência a si mesmo. Os conflitos por possessividade com o uso do “meu” ainda se faziam presentes.

Embora tenhamos tido a notícia, através dos questionários respondidos pela mãe, de que a criança 2F não chegou ao desfralde, não é possível confrontar esse dado com as expressões verbais da criança, dado o fato de que, no quarto mês da pesquisa, a menina mudou de cidade. Podemos fazer esse confronto no caso da criança 1F, que até o final da pesquisa não chegou ao desfralde e, na fala, já parecia ter consolidado o uso do “eu” e expressava abundantemente os próprios desejos, no entanto, ainda não usava esse pronome pessoal em situações de independência, tal qual as crianças da amostra que desfraldaram faziam.

Os resultados da presente pesquisa indicam que o desfralde se trata de um fenômeno multifacetado, e que o estabelecimento da consciência de si e a possibilidade de sua expressão por meio da linguagem se revelam primordiais para a concretização desse fenômeno. As diversas formas de expressão de linguagem, que foram aqui categorizadas em eixos, parecem se relacionar de maneiras distintas com o desfralde e chamam a atenção para o seu aspecto processual. Algumas considerações a esse respeito serão discutidas nos parágrafos a seguir.

A maneira imitativa de se colocar nas relações e utilizar a linguagem pode ter relação com uma fase importante no processo do desfralde que é a imitação de colegas e/ou familiares de idade próxima já desfraldados. As expressões de possessividade - sejam elas relacionadas ou não a conflitos - podem estar relacionadas à possibilidade de controle dos excrementos (fezes e urina) como algo que é uma produção própria da criança.

A expressão do desejo pela fala, por meio do pronome pessoal “eu”, por sua vez, pode estar relacionada ao momento em que a criança se torna capaz de antecipar a vontade de ir ao banheiro, dizendo, por exemplo, “eu quero fazer xixi”. No que diz respeito ao uso do pronome “eu” em situações de independência, podemos associar tal manifestação às tantas atitudes independentes que são exigidas no processo do desfralde, como parar de brincar para ir ao banheiro, poder abaixar e levantar a própria calça, ser capaz de pegar o papel para se limpar, dentre outras.

Por fim, o uso do “eu” em situações nas quais há o desejo de mostrar aos outros, crianças ou adultos, habilidades já adquiridas pela criança, pode se relacionar ao desejo de mostrar aos pais, cuidadores e para a sociedade como um todo que as fraldas já não são mais necessárias. Essa perspectiva reitera a ideia de que o desfralde é um fenômeno complexo e multifacetado, para o qual importam o controle

dos esfíncteres, a possibilidade de comunicar a necessidade de ir ao banheiro, o entendimento de que a sociedade espera que haja controle dos excrementos, dentre muitos outros fatores que envolvem a integração do *eu*.

4.2 Associação das observações objetivas com as percepções internas das crianças

Como pôde-se perceber, a apresentação dos dados referentes ao desfralde seguiu, no item 3.1.3, referências objetivas, externas e observáveis apresentadas pelas crianças. Não foram estabelecidas inferências acerca do que estava se passando internamente com cada criança; contrariamente a isso, as categorias do desfralde analisadas dizem respeito a fases evidenciadas claramente pelas crianças em seu comportamento.

O confronto entre os dados referentes ao desfralde e os dados referentes à manifestação da consciência de si através da fala leva-nos à formulação de que o estabelecimento do controle esfínteriano e a possibilidade de realização do desfralde de maneira espontânea têm a ver com o estabelecimento 1. Da integração do “eu” e 2. Da possibilidade de diferenciação eu-outro, para a qual é imprescindível a integração do “si mesmo”.

A referida associação entre desfralde e consciência de si permite-nos pensar que, para além das fases do desfralde que dizem respeito a comportamentos observáveis das crianças, existe também a possibilidade de estabelecermos fases que dialogam com o que se passa no interior do desenvolvimento psíquico das mesmas. A partir da associação com a consciência de si, entendemos que, para que haja a concretização do desfralde, é necessário que: 1. A criança possa entender os excrementos como algo “fora de si” e 2. A criança possa entender que os cuidadores e a sociedade como um todo esperam que haja o controle dos excrementos.

Para que a criança possa entender os excrementos como algo “fora de si” é necessário que já tenha havido a integração de seu *eu*. Do contrário, os excrementos seriam sentidos, puramente, como uma extensão do “si mesmo”. Para que a criança possa compreender que se espera que haja controle dos excrementos, se faz necessário também que ela tenha a percepção de si mesma na dialética com a percepção do outro, o que envolve uma sofisticação da consciência de si.

Já o uso do “nós”, além de ser mais tardio, é muito mais complexo, dependendo de interações específicas no ambiente familiar e depois no ambiente social da creche.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

O estudo feito chegou a resultados definidos sobre a associação entre o desfralde e o uso do “eu” em crianças na faixa etária entre 2 e 3 anos de idade. A partir de uma amostra inicial com 7 crianças numa creche, 6 permaneceram ao longo dos 10 meses da pesquisa longitudinal (3 meninas e 3 meninos), e 3 alcançaram o desfralde durante a pesquisa (2 meninas e 1 menino). A metodologia qualitativa utilizada mostrou-se adequada ao problema investigado, permitindo um aprofundamento na evolução de cada criança, tanto no processo de desfralde como no uso da linguagem. Os vídeos obtidos permitiram obtenção de registro das falas, mostrando as interações entre as crianças. As expressões verbais foram analisadas ao longo de eixos de possessividade, independência, e uso do “eu”, mostrando a clara evolução no desenvolvimento das crianças. Essa evolução leva a criança a usar o “eu” em situações de independência, nas quais as crianças manifestavam o desejo de que suas próprias habilidades pudessem ser reconhecidas pelas outras pessoas. Foi possível estabelecer etapas em 5 níveis objetivos tanto para o desfralde como para a evolução do uso do “eu”, além da idade cronológica. As crianças que desfraldaram tinham o uso do “eu” consolidado, as que não desfraldaram podiam já usar “eu” mas sem demonstrar tanta independência. Foi proposta também uma associação das observações objetivas com as percepções internas das crianças.

A pesquisa trouxe também indicações de diferenças de gênero, mas que precisam ser melhor investigadas. Também foi analisado o uso de “nós”, que é mais tardio, ou seja, a individualidade parece vir antes da socialização. Informações obtidas na creche após um ano do término da pesquisa mostraram que todas as crianças da pesquisa já tinham chegado ao desfralde.

Os resultados obtidos nesta pesquisa qualitativa poderão levar a estudos futuros, tanto utilizando as etapas objetivas do desfralde e do uso do “eu”, como investigando amostras maiores de crianças, que permitam abordagens quantitativas.

DECLARAÇÃO DOS AUTORES (CREDIT).

Todos os autores participaram ativamente da pesquisa, com aprovação final do manuscrito para submissão: AVPMF fez a aquisição dos dados, com definição da Metodologia, e a apresentação inicial dos resultados (2017); RL foi responsável perante o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP e perante a FAPESP (bolsa de Iniciação Científica para AVPMF); LQA propôs a pesquisa, contribuindo em todas suas fases, em particular na concepção da interpretação dos resultados e na Introdução do manuscrito. Agradecemos o apoio da FAPESP no período 01/12/2016 até 30/11/2017 - processo 2015/26475-0.

REFERÊNCIAS

- Ádes, C. (2010). **Do bicho que vive de ar, em diante: uma pequena história da Etologia no Brasil.** Boletim Academia Paulista de Psicologia, vol. 78, n. 01, pp. 90-104.
- Amaral, L. Q. (2008). **Mechanical analysis of infant carrying in hominoids.** Naturwissenschaften, 95, 281–292.
- Barbosa, M. C. & Quadros, V. S. R. (2017). **As aprendizagens cotidianas: os cuidados pessoais das crianças como gesto curricular.** Em Aberto, Brasília, v. 30, n. 100, p. 45-70, set/dez 2017.
- Belo, F., & Scodeler, K. (2013). **A importância do brincar em Winnicott e Schiller.** Tempo psicanalítico, 45(1), 91-101.
- Caruso, B.A.; Clasen, T. F.; Hadley, C *et al* (2017). **Understanding and defining sanitation insecurity: women’s gendered experiences of urination, defecation and menstruation in rural Odisha, India.** *BMJ Global Health* 2017; 2:e000414.
- Cruz, E. J. S., Dias, G. B. & Pedroso, J. S. (2014). **Estudo do “Ages and Stages Questionnaires” com cuidadores de crianças institucionalizadas.** Psico-USF, 19(3), 411-420.
- Damásio, A. (2018). **A estranha ordem das coisas : As origens biológicas dos sentimentos e da cultura.** Tradução Laura Teixeira Motta. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Godoy, A. S. (1995). **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais.** Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63.
- Greer, B. D.; Neidert, P. L. & Dozier, C. L. (2016). **A component analysis of toilet-training procedures recommended for young children.** *J Appl Behav Anal.* 2016 Mar; 49(1):69-84. doi: 10.1002/jaba.275. Epub 2015 Dec 23.
- Hattori, W. T. & Yamamoto, M. E. (2012). **Evolução do comportamento humano: Psicologia evolucionista.** *Estud. Biol., Ambiente Divers.* 2012 jul./dez., 34(83), 101-112.
- Hodges, B. H. (2017). **Carrying, caring, and conversing. Constraints on the emergence of cooperation, conformity, and language.** *Interaction Studies* 18:1 (2017), 26–54. doi 10.1075/is.18.1.02hod. Issn 1572–0373 / e-issn 1572–0381 © John Benjamins Publishing Company.
- Johns Hopkins Medicine. Age-Appropriate Speech and Language Milestones. Disponível em: http://www.hopkinsmedicine.org/healthlibrary/conditions/pediatrics/ageappropriate_speech_and_language_milestones_90,p02170/, acesso em abril de 2019.
- Keller, H. (2018) **Universality claim of attachment theory: Children’s socio emotional development across cultures,** *PNAS*, November 6, 2018, volume 115 (45), 11414-11419
- Kidoo, D. A. (2012). **Toilet training children: when to start and how to train.** *CMAJ.* 2012 Mar 20; 184(5): 511. doi: 10.1503/cmaj.110830
- Lopes *et. al.* (2011). **Estudo exploratório do instrumento Ages & Stages Questionnaires – segunda edição.** *Aná. Psicológica* vol. 29 nº01.
- Marom, S. (2015). **Science, Psychoanalysis, and the Brain. Space For Dialogue.** Cambridge University Press, USA.
- Pandjarjian, A.V., Amaral, L.Q., Lerner, R. (2017) – **Estudo da associação entre o desfralde e o uso**

de marcadores verbais da consciência de si em crianças. SIICUSP, Resumos, São Paulo, USP.

Mota, D. M., & Barros, A. J. D. (2008 - a). **Treinamento esfinteriano: métodos, expectativas dos pais e morbidades associadas.** J. Pediatr. (Rio J.) [online]. 2008, vol.84, n.1, pp.9-17. ISSN 0021-7557. <http://dx.doi.org/10.2223/JPED.1751>.

Mota, D. M., & Barros, A. J. D. (2008 - b). **Aquisição do controle esfinteriano em uma coorte de nascimentos: situação aos 2 anos de idade.** Jornal de Pediatria, 84(5), 455-462.

Schutz, C. C. (2014). **Do “molhar” e “sujar” as fraldas ao controle dos esfínteres: práticas de desfralde de educadores em crianças de creches da região da grande Florianópolis.** Trabalho de conclusão de curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/112388_Camila.pdf, acesso em: 23/01/2019.

Smith, J. A. (2015). **Qualitative Psychology: A Practical Guide to Research Methods.** SAGE publications, Third Edition, London.

Tomasello, M. (2019). **Becoming Human. A theory of ontogeny.** The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, London, England.

Tomasello, M. & Gonzalez-Cabrera, I. (2017). **The Role of Ontogeny in the Evolution of Human Cooperation.** Hum Nat (2017) 28:274–288.

Vignemont, F. (2006). **A review of Shaun Gallagher, How the Body Shapes the Mind.** Psyche: vol. 12, issue 1. <http://psyche.cs.monash.edu.au/>

Wilson, M. L.; Miller C. M. & Crouse, K. N. (2017). **Humans as a model species for sexual selection research.** Proc. R. Soc. B 284: 20171320

Winnicott, D. W. (1971). **Playing and Reality.** Psychology press.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso Sexual 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Adoção 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31

Análise do Comportamento 224, 225, 226, 230

Ansiedade 12, 13, 15, 21, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 286, 287, 289, 290, 303, 304, 308, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 318, 319, 320

Antissocial 164, 165, 167

Apoio Social 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 53, 193, 299

B

Bem-Estar 7, 8, 77, 83, 101, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 151, 171, 184, 185, 235

C

Controle esfinteriano 104, 106, 110, 111, 119, 121, 124

Criança 6, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 217, 227, 228, 275, 278, 279, 280, 281, 283

Crime 48, 166, 167, 174, 178, 181, 200

Cromoterapia 311, 312, 313, 314, 317, 318, 319, 320

Cuidador 59, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

D

Desenvolvimento Infantil 14, 65, 67, 68, 69, 72, 104, 105, 106, 110, 126, 127, 128, 208

Desenvolvimento Moral 75, 76, 77, 84

Desenvolvimento Motor 64, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 110

Diagnóstico 14, 54, 95, 102, 197, 198, 199, 200, 204, 206, 207, 209, 212, 213, 215, 216, 219, 220, 226, 227, 228, 230, 231

E

Emoções 1, 8, 12, 22, 89, 90, 93, 101, 140, 179, 229, 289, 290, 293, 294, 295, 298, 300, 303, 305, 312, 316

Envelhecimento 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Escola 14, 53, 73, 75, 76, 80, 81, 82, 84, 92, 93, 97, 128, 131, 152, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 214, 222, 227, 275, 279, 280, 281, 282, 283, 285, 318

Escolarização 125, 283

Esquizofrenia 209, 210, 216, 217, 218

Esteatose hepática 245, 246, 248, 252

Estresse 8, 15, 21, 23, 62, 92, 96, 97, 147, 150, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 203, 205, 207, 208, 216, 218, 248, 286, 287, 289, 296, 303, 312, 316

F

Frutose 245, 248, 249, 250, 251, 252, 253

G

Gestação 1, 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 65

I

Idoso 133, 134, 137, 142, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 221

Inconsciente 217, 218, 220, 228, 257, 260, 264

Infância 20, 21, 22, 49, 62, 63, 64, 65, 68, 73, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 102, 105, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 200, 207, 208, 214, 226, 231, 285

J

Justiça 21, 22, 23, 30, 55, 57, 58, 62, 77, 78, 79, 164, 168, 170, 173, 175, 212, 215

L

Ludicidade 125, 126, 127, 128, 129, 130

M

Memória Coletiva 170, 175, 179

Mindfulness 40, 43, 99, 101, 103, 187, 193, 194, 196, 286, 287, 288, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 308, 309

N

Neuropsicopedagogia 64, 321

O

Obesidade 2, 201, 245, 247, 249, 250, 253, 254

P

Psicanálise 105, 209, 218, 220, 257, 321

Psicologia Histórico Cultural 125, 129

Psicologia Jurídica 49, 53, 55, 57, 61, 62, 63

Psicologia Social 133, 170, 177, 179, 180, 285, 307

Psicopedagogia 145, 197, 199, 204, 205, 207, 220

Psicossomática 183, 185, 195

Psiquiatria 14, 95, 102, 169, 204, 209, 210, 212, 213, 215, 220, 221, 230, 305, 307, 310

Q

Qualidade de vida 6, 7, 9, 13, 15, 16, 73, 132, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 151, 158, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 218, 224, 230, 303, 312

R

Racismo 153, 155, 156, 158, 159, 162, 240, 243

S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 24, 30, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 78, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 103, 106, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 169, 171, 174, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 230, 231, 245, 251, 252, 306, 313, 318, 319, 321

Saúde Mental 1, 13, 96, 152, 174, 187, 188, 194, 196, 198, 199, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 218, 219, 220, 221, 223, 227, 230

Simbólico 12, 128, 130, 214, 262, 263, 264, 265, 266, 270, 271, 279, 283

Subjetividade 135, 136, 138, 140, 170, 176, 177, 182, 216

Suicídio 192, 211, 215, 219, 229, 287, 288, 294, 299, 300, 301, 302, 305, 306, 307, 308, 309, 310

T

Tecnologia da Informação 276

Terapia Cognitivo Comportamental 286, 287, 288, 293, 302, 304, 306

Terapias Alternativas 311, 312, 317, 318, 320

Transtorno de Personalidade 164, 165, 167, 294, 306, 307

 **Atena**
Editora

2 0 2 0